

# Brasil não crê que juros caíam de novo

O Banco Central já deixou de apostar em novas quedas da prime — a taxa preferencial norte-americana que incide sobre 22,1% do total da dívida brasileira de médio e longo prazos de US\$ 93,3 bilhões — ao contrário das projeções de abril, quando os juros dos Estados Unidos caíram para o atual nível de 8,5% ao ano.

Em seu informativo de maio, distribuído ontem à imprensa, o Banco Central registra: "A

curto prazo, são escassas as possibilidades de as taxas de juros nos Estados Unidos virem a apresentar novas reduções, tendo em vista a perspectiva de que possam surgir pressões inflacionárias provocadas, principalmente, pelo comportamento dos preços de algumas commodities, pela desvalorização do dólar e, também, pelas taxas de expansão da oferta monetária observadas em períodos recentes".

Também a Libor —

taxa do euromercado — mostrou, no mês passado, pequena elevação em relação a abril, com a alta de 6,91% para 7% ao ano, na média. Mesmo assim, a taxa de maio ficou bem abaixo da projeção conservadora do Banco Central de Libor médio de 7,9% ao ano para o período julho de 1985 a junho do corrente, embutido na estimativa de pagamento de juros líquidos de US\$ 9 bilhões, ao longo deste ano.